

16 Páginas de **Laura Finocchiaro** na nova edição da revista **Iconic!**





foto by Fernanda Chemale

LAURA FINOCCHIARO

ENTREVISTADA POR
REGINA PAPINI STEINER

Laura Finocchiaro é uma das vozes mais marcantes da música contemporânea brasileira, reconhecida tanto pela técnica impecável quanto pela capacidade de transmitir emoção em cada interpretação. Com uma carreira consolidada, ela transita com naturalidade entre diferentes estilos, mostrando versatilidade sem perder a identidade artística.

Sua importância para a música vai além do palco. Em sua entrevista, pude perceber o quanto Laura contribui para a valorização da cultura brasileira, dialogando com diferentes públicos e ampliando o acesso à música de qualidade. Além disso, é referência para novas gerações de músicos e cantores, inspirando-os a unir disciplina técnica e sensibilidade artística.

Participações em festivais, programas de televisão e projetos colaborativos consolidam sua imagem como uma artista completa, cujo trabalho tem impacto significativo na formação cultural do público e na cena musical nacional. Em cada performance, Laura Finocchiaro reforça a relevância da música como expressão artística, veículo de emoção e instrumento de transformação social.

Laura Finocchiaro é muito mais do que uma intérprete: é uma referência de dedicação, talento e influência no cenário musical brasileiro, contribuindo para a preservação e inovação da música, e deixando um legado duradouro para todos os artistas.

Regina Papini Steiner

Como você enxerga o papel do artista nos dias de hoje?

Eu tenho sentido, primeiro, assim, eu estou buscando me conectar com as pessoas e estou sentindo muita dificuldade. Não sei se é porque eu tenho 63 anos e as pessoas se assustam com o cabelo branco e com o tamanho da história que é gigantesca e não tem como negar, né?

Só que a gente vivendo nesse mundo que a gente vive capitalista, neoliberalista, e onde os valores são o poder e o dinheiro, parece que uns são mais importantes que os outros.

Porque o que a gente viveu, eu não posso jogar fora, mas já teve um empresário que falou: "Laura, esquece o teu nome, vamos mudar o teu nome, eu te ponho em uma pista, tu viras DJ internacional", isso tem uns 20 anos atrás, e ele : "Esquece a tua história porque a tua história é muito grande e não vai acontecer". Um grande empresário de música eletrônica, de coisa de DJ e tal, e eu falei para ele, me desculpe, mas eu não vou jogar fora. Se eu acertei ou se eu errei, eu não sei, mas é a minha história. Eu vejo um mundo onde as pessoas têm a ilusão de estarem conectadas porque a gente tem todos os meios à nossa mão, mas, na verdade, eu acho que a gente está cada vez mais desconectado, não só uns com os outros, mas com nós mesmos.

É uma desconexão... não se sabe mais comer, não se sabe mais amar, não se sabe mais fazer uma massagem, não se sabe mais escutar o outro, então a gente está perdendo a sintonia fina. E tudo isso por excesso de tela, excesso de informação que vai causando um nível de ansiedade muito grande e as pessoas estão se perdendo delas próprias. A nível cultural acho que é um ladeiro abaixo, não que não tenham talentos, mas quem tem talento não consegue mostrar.

Você que tem se dedicado a preservar a originalidade sonora e poética, como tem sentido esse desafio na prática?

No governo Lula, com a Margareth Menezes à frente do Ministério da Cultura, houve preocupação em adaptar os editais. Eu preciso dizer: eu escrevo, tento me fazer ouvir, mas não adianta. Não tenho cacife, nem pretendo criar um partido para isso, eu não tenho saco, sou roqueira, não sou política.

Eu mando meus recados, mas, pelo visto, eles não estão chegando. O que eu digo para ela e para todos que querem

cuidar da cultura é que não basta apenas criar um edital e disponibilizar dinheiro. É preciso mudar conceitos, amparar de todas as formas.

Não adianta um grupo, mesmo pequeno, receber um fomento, e o governo dizer: "Nós estamos apoiando, olha, a verba foi para fulano." Se culturalmente o cenário está prejudicado, é necessário um trabalho de base, inclusive na mídia. O governo também precisa investir na divulgação.

Porque a gente até consegue acessar os editais, mas não conseguimos captar público. Recursos existem, podem vir alguns para nos ajudar, mas o público já se perdeu: perdeu o hábito de ir a teatros, a shows, de pagar ingressos. Isso precisa ser recuperado, reconquistado, e o governo tem que apoiar nesse processo.

Não adianta só colocar dinheiro para a realização de um projeto: é preciso fazer a mídia chegar junto. Muitas vezes, quando você pega um edital, percebe que o valor destinado ao projeto seria mais adequado para investir em divulgação, se quisermos realmente começar a reconstruir o público e a cultura. Então não tem concorrência, porque a gente não consegue pagar a mídia, então a gente está sempre no fim da linha, eu falo a gente como assumindo o meu lugar de artista independente, com muito orgulho que eu tenho.

Então é isso. Eu acho que até existem reuniões, mas os grandes artistas, que poderiam politicamente abrir caminhos, não o fazem de fato. Eles até aparecem, lutam pela visibilidade, fazem passeatas, participam de movimentos como a Anistia... É lindo de ver. Às vezes ainda colocam um artista jovem no palco, mas isso não é suficiente. Desculpe, não está ajudando de verdade — muitas vezes estão ajudando apenas o próprio bolso.

Está tudo bem complicado. E você, que viveu intensamente esse cenário nos anos 80 e 90, sabe como era diferente. Nos anos 80, eu tinha a impressão, e acho que você também compartilha da mesma percepção, de que havia uma comunhão geracional, um engajamento coletivo que se perdeu hoje. A gente não tinha a impressão que a gente ia mudar o mundo?



Todo mundo acreditou, depois então do movimento hippie, e do movimento da contracultura, e depois da guerra, e o Vietnã que resistiu, e passou a segunda guerra, e foi aquela contracultura, aquele movimento de liberdade, libertação, amor livre, consciência, e vamos derrubar o sistema, e vamos ser natural, eu sou natureba, não como carne desde essa época dos anos 70, vamos revolucionar o mundo com amor, paz e amor, não era esse o lema? E a gente começou a transar com todo mundo, de manhã, de tarde, de noite, graças a Deus. E não importava se era homem ou se era mulher, era amor. Eu estava vivendo isso, eu estava ouvindo os mestres, fazendo yoga.

O que você acha que aconteceu com os artistas dessa geração? Será que os grandes grupos acabaram absorvendo ou sufocando o talento independente?

Começou aquela coisa: os grandes conglomerados começaram a nos engolir. Eu percebi que tudo estava acontecendo, nossas ideias sendo apropriadas, sugadas e transformadas em produto comercial, sem respeito pelo trabalho original. O mundo implodiu de novo, e a nossa ideia de quebrar o sistema por dentro não aconteceu.

Eu tinha como ídolos, além dos Mutantes e da Rita Lee, a Elis Regina, toda a cena dos festivais, Tom Zé, Chico Buarque, a Tropicália, a Jovem Guarda... E, claro, tudo o que tinha acontecido com a música progressiva e aquele "desbunde" do rock.

Quando vim para São Paulo fazer shows, tinha o Arrigo Barnabé, a Itamar Assumpção, o Teatro Lira Paulistana, que fervia de público. Lotava! E quanto mais ousado ou louco era o trabalho, mais o público aplaudia.

Era Língua de Trapo, Premeditando o Breque, Grupo Rumo... e cantoras maravilhosas como Vânia Bastos, Tetê Espíndola, Ná Ozzetti. Era uma verdadeira riqueza cultural e criatividade. Quanto mais louco o projeto, mais o público amava.

Nesse momento eu também tenho um programa numa rádio pirata, a Antena Zero, é uma web rádio que toca música 24 horas no ar. Eu tive a honra de entrevistar o filósofo e músico que é o Vladimir Safatle. Ele tem um trabalho musical que realmente quebra tudo: mistura música erudita com contemporânea. A filha dele canta divinamente, e ele só trabalha com divas que têm

essa força vocal, construindo tudo com muita inteligência. Ele ainda consegue trazer filosofia para a música, algo que é raro.

Nessa entrevista, eu decidi focar apenas na música dele. São apenas 58 minutos, então não dava para me aprofundar tentando entender toda a cabeça dele, mas aconteceu, e foi político. Nos anos 80, todo mundo acreditava que íamos quebrar o sistema por dentro, não era só uma questão musical. Mas acabou implodindo. Ele fala sobre isso na entrevista, apresenta sua teoria, e faz todo sentido. O que aconteceu depois é que o mundo foi se tornando cada vez mais artificial, como se estivesse ficando de plástico. A gente viu a AIDS parando o sexo. Eu vivi isso na pele. Minha irmã mais velha, que era outra pessoa, merece destaque nessa entrevista: Lory Finocchiaro a maior rockeira, que infelizmente não pôde continuar, porque faleceu aos 34 anos. Ela foi baixista, compositora, minha musa. Lory, teve curta-metragem premiado, virou ícone, e mesmo depois de 30 anos a obra dela continua influente, retratando sua vida intensa de drogas e rock'n'roll.

Eu e minha outra irmã; Débora Finocchiaro, que é atriz, uma estrelíssima, e estreia em Porto Alegre num espetáculo sobre mulheres, premiadíssima; ajudamos Lory a atravessar esse momento difícil.

E foi assim que nós sentimos, na pele, o preconceito. Aquele preconceito matava, desagregava amigos, familiares e nossa sociedade. Tudo isso amplificado pelo silêncio do governo. Foi um genocídio silencioso até conseguirem liberar o AZT, que era um medicamento problemático, mas ainda assim melhor do que nada.



Lory Finocchiaro
FERNANDA CHEMALE/DIVULGAÇÃO/JC

Então, amiga, a partir daí, do sexo, do meu primeiro grande trauma, daquele amor, tudo acabou ali. Foi nesse momento que eu me tornei militante, comecei a cantar nas paradas, a ajudar.

Mas eu sempre fui tão louca, como sou até hoje, que eu não ajudava apenas as lésbicas. Percebi que a questão maior era o amor em si, que estava em prova: homem, mulher, gay, bi, trans... Até hoje meu pensamento é assim, e ainda não é completamente compreendido.

Não fui levantar uma bandeira esperando reconhecimento; não surgiu um selo dizendo "isso é cultura lésbica". E eu falei: "Não, eu não sou só isso, eu não sou lésbica., eu sou humana.

E o movimento dizia que eu era covarde, porque eu não queria assumir que era lésbica. Mas eu sempre dizia: desculpe, é muito além disso.

Para lidar com a morte da minha irmã, busquei o budismo. Cheguei a fazer um CD de mantras, que se tornou um dos mais ouvidos. Particpei por quatro anos, aprendendo com a mãe do Lama Michel, Bel Vilar, uma mestra em budismo.

Eu fui cultivando esse lado espiritual que já tinha e tentando trazer essa perspectiva para a nossa cultura gay. Mas não passava, porque ninguém queria falar de amor. Ninguém quer falar de amor de verdade. É remédio, é AZT, é AIDS... mas não é amor.

Esse amor que eu defendo virou alvo. Já fui atacada, quase cancelada, porque disseram que minhas palavras eram de plástico, que esse amor que eu falo não existe, que é coisa de branco... Burguês branco,



foto by Thiago dos Reis



foto by Fernando Chemale

Como foi para você, nesse período de intenso posicionamento político, familiar, e social, trabalhar no programa TV Colosso?

Foi a salvação.

É aí que eu vejo como sou protegida, e como vale a pena continuar sendo louca do jeito que sou, no sentido de acreditar que sempre pode melhorar. Ter uma fé absoluta: mesmo quando tudo parece desabar, eu continuo acreditando. E acredito de verdade, nos anjos, na proteção de Nossa Senhora.

E sempre, quando tudo parece perdido, algo bom acontece. No meu caso, foi a TV Colosso. Entrando naquele momento de dor, com a AIDS, a morte da minha irmã, o peso do preconceito, eu vi uma luz. Fui para Porto Alegre, vivi aquela experiência, ajudei a família, levantei a cabeça e continuei.

Eu mixei o disco dela. Minha irmã foi guerreira e gravou seu álbum: Lory F. Band, que depois entrou na lista dos 50 melhores.

No hospital, ela me pediu: "Laura, mixa o disco pra mim. Só não tenha pressa, minha música só vai ser descoberta daqui a 20 anos." E foi o que aconteceu. Mas eu tive pressa, pensei: "Essa fita pode se perder." Então, na mesma semana em que ela morreu, entrei no estúdio e finalizei o trabalho. Enquanto eu ainda desmontava o quarto dela, em Porto

Alegre, o telefone tocou. Era uma produtora do Luiz Ferré, criador e diretor da TV Colosso. E ela falou, Laura, a gente vai fazer um programa, infantil, e a gente está buscando pessoas que possam trazer alguma coisa nova. A gente lembrou de ti. Tu não quer tentar fazer música pra cachorro? Como é que é isso? Mas eles também não sabiam direito. Não tinha um briefing ainda. E foi ali que uma nova fase começou. Ele tinha a ideia de um programa com personagens de cachorros, mas nada definido. Não sabia se queria algo eletrônico, acústico, mais careta, nada estava claro. Era tudo muito intuitivo, cheio de emoção.

Nesse clima, eu topei na hora e chamei minha parceira de sempre, a Leca Machado.

Sabe aquela pessoa que olha uma flor e já transforma em poesia? Ela é assim, a própria poesia em forma de gente.

Além de poeta, a Leca é redatora publicitária, então tem um senso de ritmo e criação muito rápido. Eu disse: "É tipo produção, vambora fazer!", e a mágica começou ali.



foto by Thiago dos Reis

Então, a gente misturou emoção com necessidade, ela precisava de dinheiro, eu também. E, claro, não queríamos perder a oportunidade de fazer um trabalho para a Rede Globo. Imagina: duas artistas independentes, naquele momento da vida!

Eu ainda chorava muito, estava tomada pela dor, e esse convite veio como um respiro. Foi como se Deus tivesse colocado aquilo no meu caminho. Eu precisava compor música para crianças e não podia ser qualquer música. Tinha que ser boa, divertida, verdadeira.

E foi um processo de cura.

O resultado? Dez sucessos. Não um ,dez!

O trabalho que eu e a Leca criamos serviu de referência para todo o programa. A partir das nossas músicas, os outros compositores encontraram uma base.

E o mais incrível: essa base nasceu de duas mulheres.

Os homens ficavam enlouquecidos. Quando viam a gente, olhavam procurando o resto da equipe "cadê o pessoal?", pensavam.

Mas não tinha ninguém. Era só a gente.

Como você enxerga o machismo no meio artístico e de que forma aprendeu a lidar com ele ao longo da sua trajetória?

Em todos esses meus 43 anos de carreira, eu carrego uma revolta enorme contra o machismo e com razão. Eu enfrento isso desde o começo.

Quando comecei, eu já saí pro mundo sendo cantora, compositora e guitarrista. E isso, naquela época, foi um choque. Muita gente não aceitava.

E eu não parava por aí: fazia meus próprios arranjos, escrevia as partituras, criava tudo. Era uma verdadeira guerrilha artística nos anos 70 uma mulher fazendo tudo isso sozinha.

Eu chegava com tudo pronto: a composição escrita, gravada, arranjada. Claro, não era num grande estúdio da Som Livre, era no improviso, com um amigo que topei pelo caminho. Muitas vezes eu dava parceria pra ele nas músicas, porque não tinha como pagar. Eu dizia: "Vira meu parceiro." E ele topava.

Foi assim que consegui gravar. Imagina: uma mulher jovem, sem grana, em São Paulo, tentando viver de música. Eu vim pra cá com 19 anos pra fazer um show e nunca mais fui embora.

Como foi pra você viver e expressar esse momento de descoberta e afirmação da sua identidade?

TV Colosso foi uma grande oportunidade de colocar em prática todo o meu saber musical. Naquele momento, em 1993 o mesmo ano em que a Lory faleceu, eu já tinha cerca de dez anos de carreira, mas estudava música desde os nove. Ou seja, já trazia umas três décadas de vivência musical dentro de mim. E eu senti: é agora.

O mais incrível é que, naquela época, eu já era assumidamente gay. Já frequentava a noite, era muito livre. Nunca deixei ninguém me prender e isso foi uma vantagem enorme na minha vida.

A primeira pessoa a quem eu contei que era lésbica foi a minha mãe. Eu pensei: não vou carregar culpa por ser quem eu sou. Então fui e contei. Ela aceitou, ou não, mas o fato de ela saber já resolveu tudo pra mim. Foi libertador.

Depois disso, percebi que muita gente sofria, se escondia, e eu achava estranho, porque eu me sentia em paz. E levei toda essa vivência, essa energia das pistas noturnas, do universo gay, para a música infantil.

Como foi revisitar Malabi e dar uma nova leitura a uma obra tão marcante da sua trajetória?

Aí o que aconteceu? Depois de 30 anos, o Canal Viva colocou tudo no ar de novo. Só que dinheiro? Nunca mais. O dinheiro foi naquela época, e depois... tchau, baby, tchau, tchau. Vai entender. Já nem tento mais. Querem até roubar a Ronda. Deixa pra lá. Pra mim, Nossa Senhora me ajuda. Fome eu não passo. Então, que se dane.

Um maestro super sério me disse uma vez: "Laura, se você estivesse nos Estados Unidos, só com essas dez músicas que fez para a TV Colosso, você teria cobertura e limusine. Só com a TV Colosso!"

Então, pra você ter ideia... eu não tenho nem limusine, nem nada. É complicado. Mas mesmo assim, eu sigo em frente.

E aí, há dois anos, vi que voltou a passar no Canal Viva. Poxa, que legal, né? Fiquei pensando: "Vai ver agora entra dinheiro também." Mas não entrou. Mesmo assim, a alegria de ver que estava no ar de novo já valeu tudo.

Isso é algo que não tem palavra, sabe? Talvez, se eu tivesse muito cacife para contratar um advogado, até dava pra brigar. Mas teria que ser muito cacife, porque advogados não se metem em causas de artistas independentes, principalmente quando se trata de direitos coletivos. Eles não querem enfrentar a Som Livre, nem a Sony.

Se eu tivesse dinheiro pra pagar um advogado de verdade, ele até compraria a minha briga. Senão, ele diz: "Lau, tá tudo bem, teu nome tá lá, eles dizem que é assim, e fica por isso mesmo."

Eu já gastei dinheiro quando tive oportunidade, mas nem assim adiantou.

E aí, depois, vi uma dupla de produtores levantando o espetáculo da TV Colosso. Pensei: "Bom, agora vai dar pra ganhar dinheiro." Também não.

Quando percebi que todo mundo, de algum jeito, estava tirando uma casquinha, e minhas músicas estavam lá no meio, eu falei: "Quer saber? Então eu vou regravar."

Porque eu amo Malabi, amo a TV Colosso, amo as músicas que fiz. Principalmente Malabi, que era a música do cachorrinho que eu falei... e eu sei que ela é boa.

Como foi gravar Malabi no Nordeste, com Buguinha Dub? Que influência essa região teve na construção e no resultado da música?

Então eu tive a ideia: "Vou regravar Malabi." Quando contei isso pra ele, ele disse:

"Laura, você não sabe... Malabi era a minha vida, era o meu cachorrinho."

E continuou: "Eu tenho dois amigos que se chamam Malabi — de tanto que amavam o meu cachorro!"



O baixista que gravou a música também tinha esse apego ao Malabi, e até o percussionista tinha essa história na vida dele. Quando percebi, tinha uma verdadeira legião de Malabis ao meu lado. Todo mundo amava o Malabi.

Enquanto gravavam, era como se estivessem viajando dentro da música, tocando o Malabi com a mesma paixão de antes. Ficou uma energia mágica.

O produtor ainda falou: "Vamos chamar uns vizinhos, umas crianças, pra gravar um clima animista."

Eu queria ter incluído, como na versão original, o preâmbulo que a Leca escreveu:

"Já veio primeiro, o ovo ou a galinha? Por que a chuva cai de pé e corre deitada?"

Mas ele disse: "Vamos chamar algumas crianças, tá bom?" E vieram, crianças da periferia de Olinda, sem referência do Malabi. Elas tentavam falar, mas não conseguiam: Malabi, Bila, Malabila, Mamabila... nada. No fim, só ficou: Olha o cachorrinho mágico!

E foi assim que essa versão nasceu com toda a magia e o carinho de quem ama o Malabi de verdade.

Tudo foi feito com o mínimo de recursos, com pouca grana, mas eu ajudando em tudo, pagando e coordenando a produção. Fiz tudo através do meu selo, a minha empresa, a Sorte Produções.

Voltei pra cá, masterizei o trabalho com o Buguinha, que é ótimo, e fui esperando o momento certo para lançar. Porque, como sou da minha geração, mesmo com streaming e plataformas digitais, eu ainda acredito no valor de contratar um assessor de imprensa para um lançamento bem feito. Sim, mas hoje em dia os jovens... coitados, eles são educados pra achar que podem fazer tudo sozinhos. Eles lançam suas músicas nos streamings sem envolver ninguém sem jornalista, sem assessoria, nada. Aham que é só colocar no Spotify, postar no Instagram, e pronto, tá feito.

Eu não penso assim. Eu acredito que é importante enviar para os jornalistas, mesmo que ninguém escreva nada, mesmo que ninguém dê atenção. É parte do cuidado com o trabalho, da responsabilidade de divulgar com seriedade.

Eu pensei: "Vou lançar no Dia das Crianças, vou dar de presente." Aí veio a inspiração. Tenho uma sobrinha-neta, a Gabriela, que nasceu no ano passado, ainda nem tem um aninho. Então decidi dedicar a ela, para os jovens do século XXI conhecerem, e também para nós, que somos eternas crianças. Porque, sinceramente, eu percebi que ainda tenho essa criança muito viva dentro de mim. Esse lançamento é para presentear minha criança, as nossas crianças. A gente precisa respeitar essa criança que existe dentro da gente.

Além dos músicos, que eram um monte de Malabi, eu fui fazer um show no Centro Cultural Vergueiro, agora em agosto. Durante o bate-papo, estava lá o Alessandro Santos, que trabalha com vídeo e tem 40 anos. Eu contei pra ele: "Vou lançar Malabi, amo essa música!" Quando a música ficou pronta, mandei pra ele, e ele pirou.

Então eu falei: "Alessandro, tu mexe com vídeo, toparia tentar fazer uma animação a partir dessa capa?" Nesse momento, o Ferré já tinha me dado dois bonequinhos inéditos do Malabi, porque o Malabi, oficial aquele da TV Colosso, era da Ação Livre e da Globo. Então peguei os dois desenhos que o Ferré me deu e entreguei para o Alessandro.

E não é que ele fez o meu clipe animado? Ficou incrível!

E aí, pra concluir, antes de ontem Malabi saiu no Spotify, foi lançado e, de repente, apareceu em primeiro lugar no radar, como destaque. Eu não pedi nada pra ninguém, não paguei nada, não fiz acordo com o Spotify nada disso. E aconteceu!

Agora eu não sei até onde esse Malabi vai me levar...

Que mensagem você daria para quem está começando agora na música ou na arte?

Primeiro lugar: estude. Estude música, tecnologia, corpo e expressão. Se quer ser artista, precisa desenvolver o corpo, a técnica e a criatividade antes de se jogar na vida. Não coloque a carreira na frente do ser: antes de ter ou conquistar, é preciso ser.



Acredito na colaboração e numa sociedade baseada em coletividade e horizontalidade. Tenho uma música que chama "todo mundo para o mundo": esse mundo está perdido, mas se juntarmos forças, podemos melhorar. Parece ingênuo, mas é a chave de tudo.

Vivemos um tempo de genocídios e perversidade, onde o dinheiro compra tudo, até o poder. Nunca foi tão urgente que nos demos as mãos, que trabalhemos de forma coletiva, em nome do ser humano e do planeta. Os recursos naturais estão escassos precisamos agir agora.

Precisamos ter consciência de que o sucesso vendido pelo imperialismo é uma ilusão, um jogo da indústria. Todo mundo merece brilhar, mas o sucesso precisa ser coletivo, não dá para um se dar bem enquanto milhões ficam para trás.

A cultura é fundamental para viver e ser feliz. Por isso, é essencial se preocupar em ser antes de ter, cuidar dos outros e do planeta. Isso exige coragem, porque você vai enfrentar sistemas poderosos, e ética, porque o mundo inteiro tenta corromper.

Já fui acusada de ser burguesa por defender a correção: se tem que pagar o ECAD, se tem imposto a recolher, paga-se. Integridade é essencial, mesmo que seja difícil.



Fotos: Marta Baião

E você, pudesse traduzir em uma canção o sentimento do Brasil atual? Que ritmo, palavra ou imagem ele teria?

Que pergunta linda! Eu seria um punk rock synth, abusando de sintetizadores e tecnologia, mas sempre aliada à inteligência harmônica. É preciso criar músicas que desafiem a burrice da inteligência artificial usar a tecnologia como recurso, mas nunca deixar a máquina pensar por nós.

Minha música teria acordes dissonantes, pontes agudas, um pop rock intenso, para acordar as pessoas. Precisamos de paz e amor, mas não passivos. É hora de lutar pelos direitos do planeta, da sociedade e da democracia, sem violência, mas com consciência. Hoje, muita gente está anestesiada pelas telas e pelas fake news, perdendo o discernimento a ponto de aceitar genocidas como Netanyahu, Erdogan ou o bolsonarismo conduzindo suas vidas. Minha música seria um chamado para acordar e resistir.

